



I Congresso Nacional de Linguagens e Representações: *Linguagens e Leituras*
III Encontro Nacional da Cátedra UNESCO de Leitura
VII Encontro Local do PROLER
UESC - ILHÉUS - BA/ 14 A 17 DE OUTUBRO 2009

O MANUSCRITO 512: A CIDADE PERDIDA DA BAHIA

Wagner Ribeiro de Carvalho (FACE - UNEB)¹
E-mail: wrcarvalhoba@gmail.com

Resumo: A pesquisa analisa, através da Filologia e por meio da Análise do Discurso de Linha Francesa; a edição crítica do manuscrito 512, que é um dos arquivos manuscritos da época do Brasil Colonialista, atualmente guardado no acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Este manuscrito é a base do mais famoso mito arqueológico nacional, “a cidade perdida da Bahia”, e sua importância dentro dos estudos filológicos e de mitos brasileiros é de extrema relevância. Tal documento apresenta caráter expedicionário e consiste em um relato de um grupo de bandeirantes, embora sua autoria seja anônima, na busca das minas de prata de Muribeca, na qual ficaram dez anos vagando nos sertões da Bahia O documento que hoje traz o subtítulo de “Relação histórica de uma oculta e grande povoação antiquíssima sem moradores, que se descobriu no anno de 1753”, narra o encontro destes bandeirantes com ruínas de uma cidade desconhecida até então, havendo uma similaridade de data e localização com a prescrita pelo bandeirante João da Silva Guimarães, que, percorrendo os desconhecidos sertões da Bahia entre 1752 e 1753, teria noticiado a descoberta das procuradas minas de prata de Robério Dias, justamente na região dos rios Paraguaçu e Una. Neste trabalho, apresentar-se-ão a edição do manuscrito setecentista e uma proposta de análise discursiva das condições de produção, da memória e do interdiscurso; a partir do trabalho filológico de fixar a materialidade do texto, seguido do estudo discursivo para trabalhar o sujeito e a história como elemento constitutivo do sentido.

Palavras-chave: Cidade, Discurso, Filologia, Manuscrito, Mito.

Introdução

Nos Estudos de linguagem, o texto é a principal fonte de estudo da Filologia e da Análise do Discurso, sendo que para o pesquisador é onde se encontra a materialidade para seu estudo.

¹ Mestre em Estudo de Linguagens – UNEB, Professor do Curso de Letras da Faculdade de Ciências Educacionais - FACE

Inicialmente, definimos a Filologia (do grego antigo Φιλολογία) como a ciência que estuda uma língua, literatura, cultura ou civilização sob uma visão histórica, a partir de documentos escritos. Contudo, a abordagem científica do desenvolvimento de uma língua ou de famílias de línguas, especialmente a pesquisa da história de sua morfologia e fonologia, tradicionalmente chamada *filologia*, foi englobada pelo que hoje se chama *Linguística Histórica*. Embora ainda haja filólogos dos mais variados matizes trabalhando nos estudos literários e demais, a filologia, hoje, é principalmente associada ao estudo material e crítico dos textos.

A filologia aborda, portanto, questões de datação, localização e edição de textos. Para tanto, ela se apóia na História e em seus ramos, na linguística, na gramática, na estilística, mas também em disciplinas ligadas à arqueologia, como a epigrafia ou a papirologia.

Num registro documental o filólogo pode traçar o desenvolvimento em geral. Nas tradições acadêmicas de várias nações, um sentido mais abrangente do termo filologia descreve o estudo de uma língua juntamente com a sua literatura e o contexto histórico e cultural que são indispensáveis para uma compreensão das obras literárias e de outros textos culturalmente significantes. Filologia compreende, portanto, o estudo da gramática, retórica, história, interpretação de autores e tradições críticas associados a uma determinada língua. Uma definição tão abrangente está a tornar-se rara, e Filologia tende a referir-se ao estudo de textos sob a perspectiva histórica da língua.

Sendo assim, a filologia constitui-se como uma área de conhecimento fundamental para aquele que trabalha com o texto: hoje em dia ela é sinônimo de rigor no trato com os textos e de pensamento pautado pela questão histórica. De certo modo, após um longo domínio de abordagens sócio-históricas nos estudos literários, a filologia trouxe uma nova modalidade de valorização do elemento histórico da produção cultural. A análise interpretativa fica agora mais a cargo das abordagens críticas da Teoria Literária. Hoje o filólogo é o responsável pela preparação de edições críticas de autores clássicos (antigos e modernos): um trabalho árduo e essencial para todas chamadas ciências humanas.

A edição de determinados documentos está diretamente relacionada à preservação da história de um povo neles registrada, que se perde pelos estragos causados pelo tempo, pela interpolação de emendas ou por erros na sua transmissão. Outro problema são as precárias condições de muitos arquivos e bibliotecas onde estão guardados importantes documentos. No entanto, é importante observar que, muitas vezes, devido à falta de profissionais qualificados para a realização desta tarefa tão complexa, muitos resultados representam apenas cópias que nada podem contribuir para o resgate da realidade sócio-histórico-cultural de um povo.

Os textos podem sofrer modificações de duas ordens: aquelas derivadas da corrupção do material utilizado para registrar o texto e as derivadas do ato de reprodução do texto em si. Estas podem ser autorais, isto é, de responsabilidade do próprio autor, ou não-autorais (voluntárias ou involuntárias).

Enquanto o trabalho filológico desenvolveu-se, tradicionalmente, com o objetivo de fixar o texto enquanto materialidade e, a partir deste, encontrar o sentido nele contido, aceitando, assim, o caráter unívoco da língua, a Análise do Discurso trabalha com a língua em movimento, ou seja, com suas significações, considerando a relação entre o sujeito e a história como elemento constitutivo do sentido. Para Foucault,

O documento, pois, não é mais, para a história, essa matéria inerte através da qual ela tenta reconstituir o que os homens fizeram ou disseram, o que é passado e o que deixa apenas rastros: ela procura

definir, no próprio tecido documental, unidades, conjuntos, séries, relações (FOUCAULT, 2002, p. 7).

Dentre as ciências humanas que utilizam o texto como materialidade para estudo, a Análise do Discurso, área de conhecimento importante para tal estudo, já que utiliza também de edições críticas para o seu estudo, visto que enquanto o esforço filológico busca fixar o texto em sua materialidade para, então, localizar o sentido presente no mesmo, a Análise do Discurso trabalha com a língua em um determinado contexto sócio-histórico. Ela procura as significações considerando a relação entre o sujeito e a história como elemento constitutivo do sentido, pois

[...] é necessário introduzir-se um dispositivo teórico que possa intervir na relação do analista com os objetos simbólicos que analisa, produzindo um deslocamento em sua relação de sujeito com a interpretação: esse deslocamento vai permitir que ele trabalhe no entremeio da descrição com a interpretação (ORLANDI, 2001, p. 61).

Michel Pêcheux, fundador da Escola Francesa de Análise de Discurso, teoriza como a linguagem é materializada na ideologia e como esta se manifesta na linguagem. Concebe o discurso como um lugar particular em que esta relação ocorre e, pela análise do funcionamento discursivo, ele objetiva explicitar os mecanismos da determinação histórica dos processos de significação. Estabelece como central a relação entre o simbólico e o político. O objetivo, numa visão mais limitada, seria o de uma conscientização. No entanto, o que se critica, e com razão, é a redução da Análise de Discurso a uma prática de leitura de textos políticos, propondo que, para se ir além disso, deve-se praticar a Análise de Discurso como um dispositivo que permite analisar a textualização do político, o que já é um passo importante na compreensão da relação entre o simbólico e as relações de poder.

A Análise do Discurso que ele propõe levanta questões para a Linguística, interrogando-a pela historicidade que ela exclui, e, do mesmo modo, ela interroga as Ciências Sociais questionando a transparência da linguagem sobre a qual elas se sustentam. Por meio desse questionamento à transparência da linguagem no campo das Ciências Sociais, Pêcheux critica o fato de que estas não rompem, ao contrário, estão em continuidade com a ideologia que as funda. Assim, pensasse a linguagem como não transparente, com sua materialidade, na observação do objeto e da prática das Ciências Sociais.

Pêcheux pensa o sentido como sendo regulado no tempo e espaço da prática humana, de-centralizando o conceito de subjetividade e limitando a autonomia do objeto lingüístico. O discurso é definido por este autor como sendo efeito de sentidos entre locutores, um objeto sócio-histórico em que o lingüístico está pressuposto. Ele critica a evidência do sentido e o sujeito intencional que estaria na origem do sentido, considerando a linguagem como um sistema capaz de ambigüidade e define o discursivo como a inserção dos efeitos materiais da língua na história, incluindo a análise do imaginário na relação dos sujeitos com a linguagem.

A Análise do Discurso não separa categoricamente estrutura e acontecimento, relacionando a linguagem a sua exterioridade, ou seja, o interdiscurso. Definindo este como memória discursiva, o já-dito que torna possível todo o dizer. De acordo com este conceito, as pessoas são filiadas a um saber discursivo que não se aprende, mas que produz seus efeitos por intermédio da ideologia e do inconsciente. O interdiscurso é

articulado ao complexo de formações ideológicas representadas no discurso pelas formações discursivas: algo significa antes, em outro lugar e independentemente. As formações discursivas, por sua vez, são aquilo que o sujeito pode e deve dizer em situação dada em uma conjuntura dada. O dizer está então ligado às suas condições de produção. Há um vínculo constitutivo ligando o dizer com a sua exterioridade.

Segundo Michel Pêcheux, as palavras não têm um sentido ligado a sua literalidade, o sentido é sempre uma palavra por outra, ele existe nas relações de metáfora acontecendo nas formações discursivas que têm seu lugar histórico provisório. De tal maneira que, em conseqüência, toda descrição "está exposta ao equívoco da língua: todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro" (PÊCHEUX, 1997, p. 53).

1. O manuscrito 512

Em um canto esquecido da Livraria Pública da Corte (atual Biblioteca Nacional), um manuscrito muito antigo e carcomido foi descoberto em 1839 pelo naturalista Manuel Ferreira Lagos e entregue ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tratava-se do documento hoje conhecido como 512, com o título de "*Relação histórica de uma occulta, e grande povoação antiquíssima sem moradores*". Sem saber, Lagos havia desencadeado o surgimento do mais conhecido mito arqueológico do Brasil. Um texto fantástico, pela qual diversos estudiosos dedicariam todos os esforços para tentar solucioná-lo.

O cônego Januário Barboza logo o publicou integralmente na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, onde redigiu um pequeno prefácio, onde recorreu para o estudo das antigas tradições, reconstituindo a saga de Robério Dias, o Muribeca — preso por não revelar ao governo português a localização de ricas minas de prata na Bahia. Mesmo sem nenhuma comprovação da realidade desta cidade, para muitos filólogos que estudaram tal documento e historiadores da época, tal Relação histórica era um vestígio que poderia conduzir a grandes descobertas.

No folclore baiano, há diversos contos e histórias sobre cidades e lugares encantados. Todos estes aspectos sugerem uma origem muito mais antiga, para a feitura do mito criador com a cidade perdida da Bahia. Discursivamente, podemos dizer que o desfecho catastrófico, por exemplo, sugerido para a cidade colabora para a constituição de sentidos para o fantástico da descoberta feita pelos bandeirantes, ou seja, terremotos e inundações foram muito comuns em outras cidades imaginárias. As catástrofes sempre criam as condições de produção para a fundação de um mito. Também tiveram grande influência simbolismos bíblicos, que eram bastante populares na época dos Setecentos, assim como o desaparecimento de pessoas que visitaram a cidade.

Devemos entender o mito no seu contexto sociohistórico e buscar a sua constituição de sentidos em suas nuances e formas, seja através da emoção ou do imaginário; penetrando no campo do interdiscurso e da memória discursiva referenciada por tais textos.

Seja na forma de cidades feitas de ouro, ou de magníficos resquícios arquitetônicos, o mito assumi vários episódios fascinantes da história brasileira, e que não podendo ser compreendido em sua totalidade, ao menos pudemos vislumbrar sua importância para o imaginário dos tempos imperiais.

Com a nossa visão de analista do discurso, buscamos a materialidade discursiva deste documento através da edição crítica do manuscrito, analisando-o segundo o contexto de sua época. Então, apresentar-se-á uma proposta de análise, a partir da

edição do documento manuscrito, que apresenta dificuldades de leitura em alguns trechos; análise esta que será direcionada a partir dos pressupostos teóricos da análise do discurso, adotando como foco as condições de produção e o interdiscurso, definindo em seguida algumas hipóteses sobre o tema.

2. A análise discursiva do manuscrito

O subtítulo da *Relação* esclarece o motivo da expedição pelos bandeirantes, a busca das minas de prata de Muribeca, na qual ficaram dez anos vagando nos sertões da Bahia. A estrutura da aventura não possui praticamente nenhum elemento fantástico, típico dos relatos quinhentistas sobre o Eldorado amazônico. Nem seres extraordinários, nem uma geografia pela qual o fantástico ditava totalmente as regras.

O início do relato descreve o encontro de uma montanha muito brilhante, devido à existência de cristais. Admirados pelo local, os bandeirantes não conseguiram escalar a formação rochosa. Um negro da expedição, ao tentar alcançar um veado branco (albino?), encontrou um caminho calçado por dentro da montanha, pelo qual a excursão seguiu adiante. Do alto da montanha, avistaram adiante uma "*povoação grande, persuadindo-nos pelo dilatado da figura ser alguma cidade da Costa do Brazil*". Após certificarem-se de que o local estava despovoado, iniciaram sua exploração.

O acesso para a cidade era feito por um único caminho de pedra. A entrada da urbe era formada por "*tres arcos de grande altura, o do meio he maior, e os dous dos lados são mais pequenos: sobre o grande, e principal devizamos Letras que se não poderão copiar pela grande altura*". Na cidade, as casas eram feitas com muita regularidade e simetria, parecendo "*huma só propriedade de cazas, sendo em realidade muitas, e algumas com seus terrados descubertos, e sem telha, porque os tectos são de ladrilho requemado huns, e de lages outros*". Percorrendo o interior destas habitações, os bandeirantes não encontraram nenhum vestígio de móveis ou qualquer outro objeto. Ao final da rua, depararam com uma praça regular, que possuía em seu interior uma:

(...) collumna de pedra preta de grandeza extraordinaria, e sobre ella huma Estatua de homem ordinario, com huma mao na ilharga esquerda, e o braço direito estendido, mostrando com o dedo index ao Polo do Norte; em cada canto da dita Praça está uma Agulha, a imitação das que uzavão os Romanos, mas algumas já maltratados, e partidos como feridas de alguns raios (ANONIMO, 1754)².

Sobre o pórtico principal da rua, também situava-se uma "*figura de meio relevo talhada da mesma pedra, e despida da cintura para cima, coroada de louro*" e com inscrições abaixo do escudo. Nos lados esquerdo e direito da praça existiam edifícios imensos. O primeiro parecia, segundo os narradores, um templo com muitas figuras em relevo nas suas laterais, como cruces e corvos. Outras partes da povoação jaziam em grande escombro e muita ruína, que teriam sido causados por um terremoto. Próximo à praça descrita, também havia um grande rio. Seguindo por ele, os bandeirantes após três dias encontraram uma enorme catadupa (cachoeira). Neste local, ocorriam grandes quantidades de furnas, muitas cobertas com lages e inscrições. Ainda entre as ruínas foi encontrada uma moeda de ouro muito grande, com "*a imagem, ou figura de hum moço*

² O documento manuscrito original não contém paginação, motivo por que não relacionamos as páginas das citações.

posto de Joelhos, e da outra parte hum arco, huma coroa, e huma sétta". Após chegarem na região entre os rios Paraguaçu e Una, os expedicionários enviaram uma carta ao Rio de Janeiro, originando o manuscrito original.

A partir deste ponto, analisaremos as condições de produção e o interdiscurso presente no texto em questão. Então, devemos perceber que estas ruínas não pertencem ao modelo urbanístico colonial português ou espanhol. A possibilidade de terem encontrado algum centro de mineração, abandonado após o término da exploração, também é muito remota. Na metade do século XVIII, a maioria dos complexos mineradores ainda estava em atividade na Bahia. Inscrições, templos, pórticos e estátuas nos levam ao encontro de uma origem mediterrânea clássica, portanto, imaginária do relato. A questão imposta inicialmente é determinar como foi o contato com esse modelo europeu, ou seja, precisar o apagamento que evidencia o interdiscurso. A primeira metade do Setecentos foi marcada por uma grande efervescência clássica na Europa, antecipando uma matriz cultural para a data do manuscrito: a comparação das praças com as construídas pelos romanos; estátuas com coroa de louros; pórticos grandiosos; moedas de ouro e citações de acidentes geográficos ocidentais ("*Alpes e Pyrinéos*"; "*Nillo*"). Tudo isso nos leva a crer que o autor do relato estava profundamente inserido no contexto das descobertas arqueológicas e culturais que estavam sendo efetuadas na Europa ao início do séc. XVIII.

Também percebemos que tradições folclóricas da cultura popular do Brasil apresentam-se na narrativa como própria de um discurso anterior. Primeiramente, ao referir-se aos montes de cristais reluzentes, no início do relato. Era costume, no século XVI, aventureiros descreverem pelo interior brasileiro a existência de montanhas e serras resplandecentes, associadas a metais e pedras preciosas. Essa tradição formou, a partir do Setecentos, o fundamento para alguns misticismos bandeirantes, como a Lagoa Dourada (Eupana e Sabaroboçu). Por meio ao avistamento dessa montanha, os bandeirantes puderam localizar as ruínas baianas. Também muitas narrativas de cidades imaginárias possuíam uma estreita vinculação com montanhas feitas com metal precioso como, por exemplo, a lenda do Eldorado. Outra tradição de origem colonial diz respeito a certa estátua, encontrada na Ilha dos Corvos (Açores), cujo folclore sobreviveu até o séc. XVIII, em forma literária ou poética. Segundo Damião de Góes, em sua *Chronica do Principe D. Joam* (1567), durante o reinado de D. Manuel, navegadores em incursão pela mencionada ilha descobriram, no cume de uma serra, uma imensa estátua de um homem vestido de bedém (túnica mourisca), sem barrete, com o braço estendido e a mão apontando para o poente. Abaixo da estátua foram ainda avistadas inscrições misteriosas, sem possibilidades de tradução. Já o poema *Caramuru*, de José de Santa Rita Durão (1781), também mencionou a célebre estátua: "E na ilha do Corvo, de alto pico (...) Onde acena o país do metal rico (...) Voltado estava às partes do occidente, d'onde o aureo Brazil mostrava a dedo"(COSTA, 1900, p. 55). É interessante perceber que esta formação discursiva está presente na constituição de sentido do mito da cidade perdida da Bahia, pois no relato também existiria uma estátua central, cujo braço estendido apontava o dedo para o norte, com certas inscrições indecifráveis no mesmo local. Percebemos então que com essas duas tradições o autor do manuscrito estava perpetuando um mito mais antigo, através do apagamento de um discurso anterior e seu retorno em outro texto, no qual se apresenta incorporado ao universo dos bandeirantes e exploradores.

Seguindo esta linha de análise, onde o discurso dos bandeirantes inscreve-se numa formação discursiva que o fantástico entrelaça com o contexto sócio-histórico e também literário, temos em alguns trechos do manuscrito elementos da arqueologia setecentista que foram bastante determinantes na estrutura do texto. A descoberta e

escavação de Herculano iniciou-se em 1710, mas foi com a confirmação de seu nome e origem (1738) que estas ruínas romanas tornaram-se muito famosas. Pompéia foi escavada, por sua vez, a partir de 1748, e sua identificação ocorreu apenas em 1768. Podemos também estabelecer uma relação destas ruínas romanas, principalmente Herculano, com a cidade do manuscrito, ao perceber que o terremoto citado pelo bandeirante é uma catástrofe natural semelhante ao vulcão (no caso, o Vesúvio). A natureza interferindo na obra humana. Sendo assim, a memória discursiva dos sujeitos é demonstrada através da ligação entre os discursos que circulavam naquele momento e o discurso que aparece no texto do manuscrito.

É de suma importância analisar outra questão: como esses discursos puderam circular no Brasil, já que a primeira publicação em larga escala dos vestígios romanos apareceu somente em 1756, com o livro *L'antichità romana* de Piranesi, três anos após a descoberta da cidade baiana? É possível, deste modo, que o autor da imaginária cidade tenha estado anteriormente na própria Europa em contato com esse panorama cultural; fator este impreciso, já que seria necessário identificar a sua autoria. Através de um estudo ainda preliminar, verificamos que o pesquisador Hermann Kruse (1940) e o historiador Pedro Calmon (1950) estabeleceram como autor do manuscrito em questão, o bandeirante João da Silva Guimarães. Percorrendo os desconhecidos sertões da Bahia entre 1752 e 1753, ele teria noticiado a descoberta das procuradas minas de prata de Robério Dias, justamente na região dos rios Paraguaçu e Una. Uma similaridade de data e localização com a prescrita na Relação da cidade abandonada. Exames efetuados pela Casa da Moeda dois anos depois, porém, declararam que as minas não passavam de minérios sem nenhum valor. Aturdido, Guimarães foi conviver com os índios, desaparecendo após 1764. A obra de Pedro Calmon nos forneceu outra pista para a elucidação da origem histórica deste mito. Um dos auxiliares das buscas de Guimarães foi o governador da província mineira, Martinho de Mendonça de Pena e de Proença. Examinando sua biografia, descobrimos que ele tinha sido bibliotecário, poliglota e filólogo, membro da Real Academia de Lisboa.

Além de ter proferido uma palestra sobre megalitismo português (*Discurso sobre a significação dos altares rudes e antiquíssimos*, 1733), Proença também realizou, em 1730, uma investigação sobre as misteriosas inscrições de São Tomé das Letras, em Minas Gerais. A partir de 1738, estes caracteres se tornaram muito famosos, circulando cópias por toda a província. Ao analisarmos uma dessas reproduções, percebemos grande semelhança de alguns glifos com os da cidade perdida, principalmente cruces e letras latinas. Além disso, foram interpretados por um dos autores da reprodução, Mateus Saraiva, como sendo caracteres *romanos*. No período em que circulavam as cópias, o bandeirante João Guimarães abandonara Vila Rica e partira em missão exploratória para as regiões dos rios São Mateus, Doce e Pardo, todos na província mineira. Atacado por índios, foi então auxiliado pelo governador Martinho Proença. Talvez a origem do mito esteja nesse antigo contato, entre um bandeirante ávido por ouro e um acadêmico interessado em arqueologia. Proença tinha todas as condições para criar a imagem de uma cidade em ruínas semelhante às romanas, repleta de inscrições, enquanto Guimarães desejava a todo custo encontrar riquezas sem fim. O acadêmico morreu em Lisboa (1743), e João Guimarães anunciou oficialmente, em 1752, a descoberta de minas de prata pelo interior baiano, escrevendo em seguida o manuscrito da cidade perdida.

A pesquisa merece uma maior e melhor análise para que possamos ter uma posição mais confiável quanto à autoria de tal documento; propomos assim que este estudo seja realizado em outro doravante trabalho.

3. Referências

- ANÔNIMO. **Relação histórica de uma oculta, e grande povoação antiquíssima sem moradores, que se descobriu no anno de 1753.** Bahia/Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, documento n. 512, 1754
- CALMON, Miguel. **O segredo das minas de prata.** Rio de Janeiro: A noite, 1950.
- COSTA, Cândido. **As duas Américas.** Lisboa: João Bastos, 1900.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber.** 6ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- HOLLANDA, Sérgio Buarque. **A visão do Paraíso.** São Paulo: Nacional, 1958.
- LANGER, Johnni. **As cidades imaginárias do Brasil.** Curitiba: Secretaria de Cultura do Paraná, 1997.
- LANGER, Johnni. **O mito do Eldorado.** *Revista de História*, São Paulo, n. 136, 1997.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos.** Campinas. Pontes, 2001.
- PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio.** 3ª ed. Tradução Eni Orlandi et alli. Campinas: EDUNICAMP, 1997.
- ROCHA, Lindolfo. **Zona desconhecida no interior da Bahia.** *Revista do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia*, Salvador, vol. 34, 1908.

4. ANEXOS

- Os trechos marcados por pontos estão ininteligíveis no documento original.

Relação histórica de huma oculta, e grande Povoação, antiquíssima sem moradores, que se descobriu no anno de 1753.

Em a America nos interiores contiguo aos Mestre de campo e sua comitiva, havendo dez annos de que viajava pelos certões, a vêr se descubria as decantadas minas de Prata do grande descobridor Moribeca, que por culpa de hum Governador se não fizerão patentes, pois queria lhe usurpar-lhe esta gloria e o teve prezo na Bahia até morrer, e fiarão por descobrir: Veio esta noticia ao Rio de Janeiro em principio do anno de 1754.

Depois de huma longa, e inoportuna perigrinação, incitados da incaciavel cobiça de ouro, e quazi perdidos em muitos annos por este vastissimo certão, descobrimos huma cordilheira de montes tão elevados, que parecia chegavão a Região etheria, e que servirão de throno ao vento as mesmas estrellas; o luzimento que de Longe se admirava, principalmente quando o Sol fazia impressão ao Cristal de que era composta e formando huma vista tão grande e agradável, que ninguem daquelles reflexos podia afastar os olhos: entrou a chover antes de entrarmos a registrar esta christallina maravilha e viamos sobre a pedra escalvada correr as agoas precipitando-se dos altos rochedos, parecendo-nos como a neve, ferida dos raios do sol, pelas admiraveis vistas daquelle chris uina se reduziria

..... das aguas e tranquilidade do tempo nos resolvemos a investigar aquelle admiravel prodigio da natureza, chegando nos no pé dos Montes, sem embaraço algu de Matos, ou Rios, que nos difficultasse o trânsito, porem, circulando as Montanhas, não achamos pasio franco para exe-cutar-mos a rezolução de accommeter-mos estes Alpes e Pyrneos Brasíliacos, rezultando-nos deste desengano huma inexplicavel tristeza.

Abarracados nós, e com o deziño de retrocedermos no dia seguinte, succedeo correr hum negro, andando à lenha, a hum veado branco, que vio, e descobrir por este acazo o caminho entre duas serras, que parecião cortadas por artificio, e não pela Natureza: com o alvorço desta novidade principiamos a subir, achando muita pedra solta, e amontoada por onde julgamos ser calçada desfeita com a continuação do tempo. Gastamos boas tres horas na subida, porém suave pelos christaes que admiravamos, e no cume do Monte, fizemos alto, do qual estendendo a vista, vimos em hum Campo razo maiores demonstracoes para a nossa admiração.

Divisamos cousa de legoa, e meia huma Povoação grande, persuadindo-nos pelo dilatado da figura ser alguma cidade da Corte do Brazil: descemos logo ao Valle com cautela lferia em semelhante cazo, mandando explorar gar a qualidade, e se bem que repararam Fuminés, sendo este, hum dos signaes evidentes das povoações.

Estivemos dois dias esperando aos exploradores para o fim que muito desejavamos, e só ouviamos cantar gallos para ajuizar que havia alli povoadores, até que chegarão os nossos desenganados de que não havia moradores, ficando todos confuzos: Resolveo-se depois hum índio da nossa commitiva a entrar a todo risco, e com precaução, mas tornando assombrado, afirmou não achar, nem descobrir rastro de pessoa alguma: este cazo nos fez confundir de sorte, que não o acreditamos pelo que viamos de domecilios, e assim se arranjarão todos os exploradores a ir seguindo os passos do índio.

Vierão, confirmando o referido depoimento de não haver povo, e assim nos determinamos todos a entrar com armas por esta povoação, em huma madrugada, sem haver quem nos sahisse ao encontro a impedir os passos, e não achamos outro caminho senão o unico que tem a grande povoação, cuja entrada he por tres arcos de grande altura, o do meio he maior, e os dois dos lados são mais pequenos: sobre o grande, e principal devizamos Letras, que se não poderão copiar pela grande altura

Faz huma rua da largura dos três arcos, com cazas de sobrados de huma, e outra parte, com as fronteiras de pedra lavrada, e já denegrida. So inscrições, abertas todas ortas são baxas defei..... nas, notando que pela regularidade, e semetria em que estão feitas, parece huma só propriedade de cazas, sendo em realidade muitas, e algumas com seus terraços descubertos, e sem telha, porque os tetos são de ladrilho requemado huns, e de lajes outros.

Corremos com bastante pavor algumas cazas, e em nenhuma achamos vestígios de alfaias, nem móveis, que pudéssemos pelo uso, e trato, conhecer a qualidade dos naturaes: as cazas são todas escuras no interior, e apenas tem huma escaça luz, e como são abóbodas, ressoavam os ecos dos que falavão, e as mesmas vozes atemorizavão.

Passada, e vista a rua de bom cumprimento, demos em huma Praça regular, e no meio della huma collumna de pedra preta de grandeza extraordinária, e sobre ella huma Estatua de homem ordinario, com huma mão na ilharga esquerda, e o braço direito estendido, mostrando com o dedo index ao Polo do Norte: em cada canto da dita Praça está huma Agulha a immitação das que usavão os Romanos, e mais algumas já maltratadas, e partidas, como feridas de alguns raios.

Pelo lado direito desta Praça esta hum soberbo edificio, como casa principal de algu senhor da Terra, faz hum grande sallão na entrada e ainda com medo não corremos todas as casas, sendo tantas, e as retrat..... zerão formar algu..... mara achamos hum..... massa de extraordinária..... pessoas lhe custavão a levanta lla.

Os morcegos erão tantos, que investião as caras das gentes, e fazião uma tal bulha, que admirava: sobre o pórtico principal da rua está huma figura de meio relevo talhada da mesma pedra e despida da cintura para cima, coroada de louro: representa pessoa de pouca idade, sem barba, com huma banda atraveçada, e hum fraldelim pela cintura: debaixo do escudo da tal figura tem alguns caracteres já gastos com o tempo, divizão se, porém os seguintes:

Da parte esquerda da dita Praça esta outro edificio totalmente arruinado, e pelos vestígios bem mostra que foi Templo, porque ainda conserva parte de seu magnífico frontespicio, e alguas naves de pedra inteira: ocupa grande territorio, e nas suas arruinadas paredes, se vem obras de primor com alguas figuras, e retratos embutidos na pedra com cruces de vários feitios, corvos, e outras miudezas que carecem de largo tempo para admira llas. Segue-se a este edificio huma grande parte de Povoação toda arruinada e sepultada em grandes, e medonhas aberturas da terra, sem que em toda esta circunferencia se veja herva, arvore, ou planta produzida pela natureza, mas sim montões de pedra, humas toscas outras lavradas, pelo que entendemos ha as fronteiras de verção, porque ainda entre da de cadáveres, que e parte desta infeliz da, e desamparada, talvez por algum terremoto.

Defronte da dita Praça corre hum caudalozo Rio, arrebatadamente largo, e espaçoso com alguas margens, que o fazem muito agradavel a vista, terá de largura onze, até doze braças, sem voltas concideraveis, limpas as margens de arvoredos, e troncos, que as inundações costumão trazer: sondamos a sua Altura, e achamos nas partes mais profundas quinze, até dezesseis braças. Daparte dalém tudo são campos muito viçosos, e com tanta variedade de flores, que parece entoar a Natureza, mais cuida-doza por estas partes, fazendo produzir os mais mimozos campos de Flora: admiramos tambem algumas lagôas todas cheias de arrôs: do qual nos aproveitamos e também dos innumeraveis ban-dos de patos que se crião na fertilidade destes campos, sem nos ser deficil cassallos sem chumbo mas sim as mãos.

Tres dias caminhamos Rio abaixo, e topamos huma catadupa de tanto estrondo pela força das agoas, e rezistencia no lugar, que julgamos não faria maior as boccas do decantado Nillo: depois deste salto espraia de sorte o Rio que parece o grande Oceano: He todo cheio de Peninsulas, cubertas de verde relva: com alguas arvores disperças, que fazem.....hum tiro com davel. Aqui achamos..... a falta delle de noss..... ta variedade de caça..... tros muitos animais criados sem cassadores que os corraõ, e os persigão.

Daparte do oriente desta catadupa achamos varios subcavões, e medonhas covas, fazendo-se experiência de sua profundidade com muitas cordas; as quais por mais compridas que fossem, nunca podemos topar com o seu centro. Achamos também alguas pedras soltas, e na superfície da terra, cravadas de prata, como tiradas das minas, deixadas no tempo

Entre estas furnas vimos huma cobertura com huma grande lage, e com as seguintes figuras lavradas na mesma pedra, que insinuão grande mistério ao que parece..... Sobre o Portico do Templo vimos outras da forma seguinte designadas.

Afastado da Povoação, tiro de canhão, está hum edificio, como caza de campo, de duzentos e sincoenta passos de frente; pelo qual se entra por hum grande portico, e se sobe, por huma escada de pedra de varias côres, dando-se logo em huma grande salla, e depois desta em quinze cazas pequenas todas com portas para a dita salla, e cada huma sobre si, e com sua bica de agoaqual agoa de ajuntamão no pateo externo

.....columnatas em cir-dra
quadrados por arteficio, suspensa com os seguintes caracteres:

Depois destas admirações entramos pelas margens do Rio a fazer experiencia de descobrir ouro e sem trabalho achamos boa pinta na superficie da terra, prometendo nos muita grandeza, assim de ouro, como de prata: admiramo nos ser deixada esta Povoação dos que a habitavão, não tendo achado a nossa exacta diligencia por estes certões pessoa alguma, que nos conte desta deploravel maravilha de quem fosse esta povoação, mostrando bem nas suas ruínas a figura, de grandeza que teria, e como seria populosa, e oppulenta nos séculos em que floreceu povoada; estando hoje habitada de andorinhas, Morcegos, Ratos e Rapozas que cebadas na muita criação de galinhas, e patos, se fazem maiores que hum cão perdigueiro. Os Ratos tem as pernas tão curtas, que saltão como pulgas, e não andão, nem correm como os de povoado.

Daqui deste lugar se apartou hum companheiro, o qual com outros mais, depois de nove dias de boa marcha avistarão a beira de huma grande enseada que faz hum Rio a huma canôa com duas pessoas brancas, e de cabellos pretos, e soltos, vestidos a Europea, e dando hum tiro como signal para sever para fugirem. Ter felpudos, e bravos, ga a elles se encrespão todos, e investem

Hum nosso companheiro chamado João Antonio achou em as ruinas de huma caza hum dinheiro de ouro, figura esferica, maior que as nossas moedas de seis mil e quatrocentos: de huma parte com a imagem, ou figura de hum moço posto de joelhos, e da outra parte hum arco, huma coroa e huma setta, de cujo genero não duvidarmos se ache muito na dita povoação, ou cidade dissolada, por que se foi subversão por algu terremoto, não daria tempo o repente a por em recato o preciozo, mas he necessario hum braço muito forte, e poderozo para revolver aquele entulho calçado de tantos annos como mostra.

Estas noticias mando a v.m., deste certão da Bahia, e dos Rios Paráoçu, Uná, assentando não darmos parte a pessoa alguma, porque julgamos se despovoarão Villas, e Arraiais; mas eu a V.me. a dou das Minas que temos descuberto, lembrando do muito que lhe devo.

Suposto que da nossa Companhia sahio já hum companheiro com pretexto differente, contudo peço-lhe a V.me. largue essas penúrias, e venha utilizar-se destas grandezas, usando da industrias de peitar esse indio, para se fazer perdido, e conduzir a V.me. para estes thesouros, etc Acharão nas entradas sobre lages.